

## **A Apresentação Pessoal e Ética do Jornalista no Cinema: Análise do Profissional no Filme “A Montanha dos Sete Abutres”<sup>1</sup>**

Cecilia FERREIRA<sup>2</sup>

Cristiane PEREIRA<sup>3</sup>

Universidade da Região da Campanha, Bagé, RS

### **RESUMO**

O presente trabalho científico busca analisar a representação do profissional que atua na área jornalística através da produção audiovisual A Montanha dos Sete Abutres. Para tanto, foram selecionadas três cenas do filme, que tem duração de 111 minutos. A pesquisa, qualitativa e descritiva, realizou uma análise de conteúdo das cenas escolhidas a partir da proposta de Laurence Bardin. Como base teórica, utilizou-se o pensamento de estudiosos em jornalismo, cinema e ética. Após a análise dos dados, constatou-se que o cinema constrói estereótipos diferentes de jornalista, neste objeto que foi analisado, apresenta-o como um indivíduo desprovido de questões éticas cujo único desígnio é alcançar o sucesso, independente da maneira como vai proceder para conquistá-lo. O jornalista apresentado faz tudo por uma versão diferenciada das notícias, custe o que custar.

**Palavras-chave:** Cinema; Jornalismo; Ética; Montanha dos Sete Abutres.

### **Introdução**

Desde o final do século XIX quando foi inventado, o cinema reproduz inúmeras histórias e personagens que fascinam as pessoas, seja pelos efeitos apresentados, pelo enredo ou pelos elementos que compõem produção cinematográfica.

O profissional da área jornalística é representado frequentemente, com diferentes leituras e características, em produtos audiovisuais, histórias em quadrinhos e até na literatura e, um dos meios que mais apresenta, o jornalista como personagem em suas produções é o cinema.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Jornalismo da FACOS-URCAMP, email: [ceciliafferreira@gmail.com](mailto:ceciliafferreira@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Bacharel em Comunicação Social pela PUCRS. Mestre em Comunicação pela PUCRS, email: [cripereira@hotmail.com](mailto:cripereira@hotmail.com)

A chamada sétima arte apresenta, em suas produções, diversos estereótipos sobre o profissional. Seja exibindo a rotina de repórteres e redações, ou apresentando a profissão como parte da personalidade do personagem, o cinema fixa uma imagem da profissão no imaginário social. O cinema constitui uma poderosa mídia, “uma outra forma de vida”, que nos espelha ao mesmo tempo em que nos espelhamos nela.

A pesquisa a ser realizada é uma análise da imagem do jornalista na Sétima Arte, o tema chama atenção pela diversidade de conteúdo disponível, pela constante evolução das representações do profissional no cinema e pela curiosidade suscitada pela profissão, uma vez que, para Christa Berger (2002, p.16), “os filmes de jornalismo não deixam de ter um caráter de documentário dos bastidores”.

Os meios de comunicação tem grande influência sobre os espectadores, e, desta forma o cinema não seria diferente. As produções apresentadas tem expressivo poder de formadoras de opinião, além de representar grande retorno comercial. As representações do profissional oscilam entre a imagem do jornalista herói e vilão. Porém, há um número expressivo de produções que representam o profissional como egoísta, que só pensa no sucesso próprio e não mede consequências para conseguir audiência ou realizações pessoais.

Portanto, ao analisar a conduta do profissional apresentado no filme A Montanha dos Sete Abutres, este trabalho servirá de base para que a comunidade acadêmica e profissionais em geral possam analisar questões de credibilidade em relação à manipulação e divulgação da informação e observar limites profissionais e éticos em todas as áreas do jornalismo.

## **Cinema e Jornalismo**

O cinema, desde sempre, é de grande significância para a humanidade. Age de forma positiva sobre a sociedade despertando a veia crítica de cada um. O crescimento não é só pelo notável desenvolvimento da indústria nos últimos anos. A sétima arte tem desempenhado uma função de formadora de opiniões traduzida por seus personagens e enredos apresentados. Através do cinema conhecemos histórias, civilizações e lugares inimagináveis ao nosso pensamento. O cinema tem servido além de fonte de entretenimento, como fonte de conhecimento.

---

Para Isabel Travancas (2001), a indústria cultural e o cinema particularmente são um campo privilegiado de produções simbólicas e mitos modernos.

O cinema, com seu enorme poder de penetração nos mais diversos grupos sociais ajudou a construir mitos, a divulgar saberes novos, como a psicanálise e a popularizar atividades e profissionais, como foi o caso da imprensa e dos jornalistas. (TRAVANCAS, 2001, p.9).

Para Christa Berger, o cinema é tomado como objeto de conhecimento, nesta obra, tanto a forma quanto conteúdo fornecem revelações sobre a construção do universo da informação, materializadas nas facetas do personagem jornalista.

Jornalismo e cinema vão se enredando e se afirmando como os dois grandes meios de comunicação de massa do final do século, compartilhando a responsabilidade de dar a conhecer o mundo (o jornalismo) e as representações sobre ele (o cinema), ou comentando as imagens oferecidas nos filmes através da crítica cinematográfica impressa e refletindo, pelas imagens, a atividade de noticiar (BERGER, 2002, p.37).

A relação entre jornalismo e cinema em obras ficcionais é bem sucedida, relevante e vive uma fase de franca expansão, uma vez que o jornalista representa um herói ou vilão em potencial para roteiristas e diretores. E, como Lisandro Nogueira (2007) chama a atenção, é impressionante que as faculdades de jornalismo não atentem para o precioso material que oferecem as películas, desprezando um forte manancial de representações que podem fortalecer o entendimento do significado da informação e seus desdobramentos.

### **Jornalistas no Cinema – Do Herói ao Vilão**

Os vínculos que unem o jornalismo à ficção datam de longo período. Reportagens televisivas, cinejornais e documentários atestam esta relação de alguma forma. O jornalista é um profissional privilegiado pelas produções cinematográficas, sendo protagonista de inúmeros filmes, principalmente norte-americanos.

A contradição entre as representações heróicas e vilanescas revela a “vertente dramática e maniqueísta” (PEREIRA, 2003, p.5) comum no cinema de ficção, em especial norte-americano. A pesquisadora Isabel Travancas define o jornalista-vilão como o “profissional que não mede esforços para conseguir seus objetivos e dar o ‘furo’ de reportagem” e que “não hesita em colocar sua carreira na frente de tudo e todos”,

enquanto o herói “identifica-se com os valores do mundo público e defende a verdade, a democracia e o bem comum” (2002, p.2).

Desta forma, surgiram os chamados newspaper movies (ou, no Brasil, os “filmes de jornalista”), um subgênero consagrado especialmente no cinema norte-americano. Tratam-se de películas que “desvelam para o público o imbricado universo da notícia e seus agentes, apresentando os conflitos éticos e morais da profissão” (FERREIRA, 2006, p.139). São produções que, mais do que ter jornalistas como protagonistas, colocam a prática jornalística como ponto central de suas tramas e buscam reconstruir a relação do profissional “com a notícia e com a sociedade” (SANTOS, 2009, p.31).

No entanto, como aponta a autora Stella Senra, “coube à ficção, como desdobramento mais popular entre as diferentes formas assumidas pelo filme, o estabelecimento de um padrão de convívio mais íntimo e prolongado entre cinema e jornalismo” (1996, p.87).

O subgênero dos newspaper movies rendeu obras que se tornaram “clássicas”, consideradas por jornalistas, críticos e especialistas em cinema. Podem ser citados como exemplos: Cidadão Kane (Citizen Kane, EUA, 1940), A montanha dos sete abutres (Ace in the hole / The big carnival, EUA, 1951), Todos os homens do presidente (All the president’s men, EUA, 1976), Rede de intrigas (Network, EUA, 1976) e O Informante (The insider, EUA, 1999).

Dos 785 filmes de jornalista identificados pela autora Christa Berger no livro “Jornalismo no Cinema” (2002), mais de 500 são oriundos dos Estados Unidos – estabelecendo o país como o maior produtor de películas do subgênero. A supremacia norte-americana pode ser explicada por ser a indústria que conseguiu traduzir com sucesso singular “o imaginário coletivo que associa a profissão à investigação, à aventura, à independência, ao arrojo e, igualmente, ao cinismo, à falta de escrúpulo, à arrogância” (BERGER, 2002, p.17).

Os quase incontáveis filmes sobre jornalistas, retratam de diferentes maneiras o cotidiano da profissão, mexendo com o imaginário de quem assiste. Estas representações contribuem desde sempre, na criação de estereótipos acerca da profissão e do profissional de imprensa que, acabam sendo considerados pela sociedade como verdadeiros. O cinema, desde seu início na década de XX com os irmãos Lumiere, no Grand Café, influi na manipulação da plateia, utilizando a ilusão da verdade que a sétima arte representa.

## Ética jornalística

No exercício da profissão cada pessoa deve saber como se comportar numa relação de trabalho, conhecer o código de ética da sua profissão e se pautar no bom relacionamento com as pessoas do seu convívio profissional. Estabelecendo essas regras de boa convivência, pois como dito alhures, as diferenças vão existir e é necessário que cada um respeite o direito do outro para que se instale o bom convívio.

A ética perpassa pelo sigilo profissional, momento em que cada profissional deve ter bem guardado todas as nuances da sua profissão e como deve ser o seu comportamento perante aos que o cerca. Sá enfatiza que:

A profissão, como prática habitual de um trabalho, oferece uma relação entre necessidade e utilidade, no âmbito humano, que exige uma conduta específica para o sucesso de todas as partes envolvidas – quer sejam os indivíduos diretamente ligados ao trabalho, quer sejam os grupos, maiores ou menores, onde tal relação se insere. Quem pratica a profissão dela se beneficia, assim como o utente dos serviços também desfruta de tal utilidade. Isto não significa, entretanto, que tudo o que é útil entre duas partes seja para terceiros e para a sociedade. (SÁ, 2001, p. 137).

A ética jornalística não se reduz à normatização escrita, mas faz parte do processo interior do profissional, que deve se refletir no trabalho cotidiano e se relacionar à totalidade social.

Voltando ao campo da ética, podemos dizer que só é possível constitui-lá em bases reais, se levarmos em conta a necessidade de que, na particularidade do jornalismo, o que se desdobra é a própria complexidade crescente na humanidade, que carrega consigo não apenas os atos, fatos, versões e opiniões, mas igualmente os valores embutidos na carga moral em que se configuram diariamente. (KARAM, 1997, p.42).

Os pressupostos morais e éticos em que se desdobra a atividade profissional não podem estar submetidos á lógica do estado, do interesse privado ou a critérios pessoais. A respeito da conduta profissional, o compromisso fundamental do jornalista “é com a verdade no relato dos fatos, deve pautar seu trabalho na precisa apuração dos acontecimentos e na sua correta divulgação, contempla o código de ética dos jornalistas brasileiros”. (FENAJ, 2008, p. 6).

---

Em ‘a apuração da notícia’, o autor Luiz Costa Pereira Junior explica que o jornalismo apresenta uma simbiose entre procedimentos e convicções profissionais. Ele afirma que “só fará sentido na interseção entre: desempenho técnico e compromisso ético e humanístico”. (JUNIOR, 2010, p.13)

## **Metodologia**

A presente pesquisa se caracteriza por ser qualitativa e descritiva. Foram analisadas três cenas do filme *A Montanha dos Sete Abutres*, produzido em 1951. Para isso, foi utilizado o método de análise de conteúdo.

Bardin (1977) se refere à Análise de Conteúdo como um conjunto de instrumentos metodológicos que se aperfeiçoa constantemente e que se aplica a discursos diversificados. Não consiste em apenas um esquema específico, trata-se de um esquema geral no qual podemos verificar um conjunto de técnicas que podem ser utilizadas para tratar os dados e analisar o conteúdo dos mesmos.

Para Bardin (1977, p.31), a Análise de Conteúdo é não só um instrumento, mas um “leque de apetrechos; ou, com maior rigor, um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”. Seguem-se vários caminhos, inclusive dando margem a pesquisas de natureza quantitativa ou qualitativa.

O método da AC, segundo Bardin (1977) consiste em tratar a informação a partir de um roteiro específico, iniciando com (a) pré-análise, na qual se escolhe os documentos, se formula hipóteses e objetivos para a pesquisa, (b) na exploração do material, na qual se aplicam as técnicas específicas segundo os objetivos e (c) no tratamento dos resultados e interpretações. Cada fase do roteiro segue regras bastante específicas, podendo ser utilizado tanto em pesquisas quantitativas quanto em pesquisas qualitativas.

## **Descrição do Filme**

O personagem de Kirk Douglas, Charles Tatum, é um jornalista desempregado, experiente em grandes jornais, à procura de emprego na cidade interiorana chamada

Albuquerque. Seu objetivo é começar no pequeno e pacato jornal da cidade até encontrar um grande furo de reportagem que o faça ser reconhecido novamente e requisitado pela grande imprensa – em especial voltar à sua antiga posição no jornal em Nova Iorque. Para isso, ele admite ser capaz de qualquer coisa como mentir, manipular, distorcer ou inventar fatos para conseguir uma grande matéria. Na primeira conversa com o novo chefe, Tatum confessa seu histórico de 11 demissões em grandes jornais justamente pela sua maneira de contar os fatos e deixa claro que não pretende permanecer no veículo por muito tempo.

Tatum passa um ano no jornal cobrindo notícias pacatas, sem nenhum prestígio. Até que ele e um colega são enviados, pelo editor, para cobrir uma caça às cascavéis em uma cidade próxima. Durante a viagem, a dupla para pra abastecer o carro perto quando percebem a viatura da polícia chegando em alta velocidade e vão atrás. Chegando no local recebem a notícia de que um homem chamado Leo Minosa está quase soterrado em uma caverna chamada Montanha dos Sete Abutres. O jornalista vê naquela situação a oportunidade tão desejada. “A morte de centenas ou milhares de pessoas não tem o mesmo interesse que a morte de uma única pessoa” diz Tatum para o seu colega. Imediatamente ele entra na caverna com o seu colega, e Leo tem o primeiro contato com alguém de fora da caverna. A partir de então, a história começa a ser contada da forma que Tatum decidir.

Leo e a esposa têm uma loja de conveniência na beira da estrada, ao lado da caverna. Mas o que se pode perceber é que o casamento não ia tão bem há algum tempo. Com a situação do marido ela vê oportunidade para se separar dele e decide fugir da cidade. Mas para a história de Tatum ser mais emocionante, ele a convence de ficar e fingir que está triste com a situação do marido para a história ficar mais sensacionalista. O jornalista também manipula o Xerife, que por sua vez, vê vantagem na situação para se reeleger na próxima eleição. O arquiteto da obra que vai retirar Leo da caverna informa que há duas maneiras de retirá-lo: reforçando as paredes da caverna até o local, o que levaria no máximo 16 horas, ou instalando uma escavadeira no topo da caverna para chegar até ele, mas levaria aproximadamente sete dias. Tatum escolhe a escavadeira, dessa forma esta mesma notícia renderia uma semana na capa dos jornais. Em poucos dias, curiosos, a imprensa de todo o país e até um circo, rodeavam a Montanha dos Sete Abutres que agora tinha a entrada no valor de um dólar. O acontecimento se torna um verdadeiro show, e Tatum se encontra no auge novamente.

Poucos dias antes do resgate de Leo, Tatum recebe uma ligação do chefe editor do jornal de Nova Iorque que lhe oferece o emprego tão desejado. No entanto, em uma das últimas visitas, Leo se encontra muito debilitado e doente. Faltando dois dias para sair da caverna o médico informa que ele não resistirá 12 horas. Então, sentindo-se culpado, Tatum pede ao arquiteto para que a escavadeira seja cancelada e que comecem a reforçar as paredes para tirar Leo o quanto antes, mas já é tarde demais. As paredes estão frágeis e não há como chegar até ele há tempo.

O desfecho da história não termina como o jornalista gostaria. Leo morre sem saber que poderia ter saído da caverna muito antes. Tatum é demitido do jornal de Nova Iorque, volta para Albuquerque e morre por ter levado uma tesourada na barriga da esposa de Leo após uma briga.

### **Cenas Analisadas**

**Cena I:** Tatum é enviado para cobrir uma caça às cascavéis em uma cidade vizinha, juntamente com o repórter fotográfico Herbie Cook. No meio do caminho, eles param para abastecer o carro, quando Tatum toma conhecimento que Leo Minosa, um jovem proprietário, encontrava-se preso em uma caverna onde fora procurar relíquias indígenas. Quando lhe é dito que a caverna acha-se localizada na sagrada Montanha dos Sete Abutres, o repórter sente que essa pode ser a grande chance que esperava, mas para isso precisa ter o controle da situação.

**Cena II:** Tatum e Cook chegam ao local e, ignorando as ordens do xerife, ele e Herbie vão até a caverna onde descobrem Leo preso numa estreita e instável fenda. Tatum acalma o apavorado Leo, tira uma foto dele e, ao retornar, telefona para Boot e lhe fala sobre o grande furo jornalístico. Assim, ele transforma o resgate de Leo em um assunto nacional, atraindo milhares de curiosos, cinegrafistas de noticiários e comentaristas de rádio.

**Cena III:** Ao saber das condições positivas de saúde de Leo, através do Dr. Hilton, Tatum propõe ao xerife Gus Kretzer que estenda a operação de resgate por uma semana, alegando que, agindo assim, os dois vão ganhar muito em publicidade. Quando outros repórteres reclamam da posição privilegiada de Tatum, o xerife anuncia que não

permitirá ninguém mais na caverna por razões de segurança. Ao retornar da caverna, Tatum esbarra em Boot, que descobrira sua esperteza e o condena pelo tipo não ético de fazer jornalismo.

### **Charles Tatum – O Jornalista de 250 Dólares**

Sendo um dos objetivos específicos deste trabalho, apontar as características profissionais e éticas do jornalista apresentado no filme, constatou-se que Charles Tatum foi caracterizado como um arquiteto dos acontecimentos.

Esta característica transparece desde as primeiras cenas quando o Jornalista chega ao pequeno jornal em Albuquerque, no Novo México, para pedir emprego e deixa implícito que sempre haverá notícias enquanto ele estiver no local e que, se não houver, ele mesmo se tornaria a atração. Enquanto se auto-promove, ele diz: “Conheço um jornal de trás para frente. Escrevo, edito, imprimo e vendo. Não preciso de ninguém. Cuido de pequenas e grandes notícias e se não tenho nenhuma, saio e mordo um cachorro.”

Na primeira cena analisada, o jornalista demonstra novamente a sua vocação para desvio de ética e, ao se dirigir ao seu colega de reportagem, enfatiza que não precisou estudar jornalismo numa faculdade como ele, que jogou três anos fora. Afirma que chegou ao entendimento de que as pessoas querem absorver notícias ruins, por meio de um aprendizado que se deu no cotidiano das ruas: “Não fui à escola, mas conheço uma boa história porque antes vendia jornal na esquina. E descobri que notícia ruim vende mais. Notícia boa não é notícia”.

Chegando ao local do acidente, Tatum descobre o furo jornalístico e começa a articular para que a notícia que duraria horas se transforme em matéria especial para dias. Charles Tatum manipula a todos para que a notícia dure o tempo suficiente para que os jornais Nova-iorquinos fiquem sabendo da história. Começa por Leo Minosa, dono do posto de gasolina da região e o soterrado. E, então ele manipula Lorraine, a esposa, para que ela aja de acordo com o figurino de uma esposa abalada. A esposa de Minosa, na verdade, pretendia largá-lo e ir embora.

Aproveitando-se do fato que a mulher não tinha dinheiro, Tatum a persuade dizendo: “Quer ler o que escrevi sobre você? A esposa dilacerada pela dor tentando ficar perto de seu marido. É assim que fica melhor e é assim que será. É o que público

gosta. É como vou jogar! Estamos os três enterrados aqui. Leo, eu e você. Queremos sair e vamos sair. Mas eu volto com estilo. Você também pode. Não com esses onze dólares”.

Ele ainda enfatiza a fala: “Viu aquela gente? Acha que são uns caipiras? Para mim é só o começo. O público americano. Agora tenho certeza. Vão engolir tudo. A história e os hambúrgueres. Vai vender todos seus sanduíches, sodas e tapetes índios. Vai entrar grana de verdade naquela registradora”.

O xerife tem interesses políticos na ação de Tatum. O jornalista o convence a impedir o acesso de outros jornalistas ao ocorrido. O xerife ao perceber a importância da mídia na formação da opinião pública aceita apoiar o jornalista. Tatum o seduz com o poder das palavras e com a possibilidade da fama estadual no universo da política: E então? Amanhã terá seu nome no jornal. O homem que veio dirigir a equipe de resgate. O Estado todo o conhecerá. O incansável servidor público, Gus Kretzer (xerife). Em seis dias, será o herói. A eleição está no papo. Ganhará até os adversários.

Herbie, o jovem repórter, é manipulado através da ilusão de sucesso que Tatum passa para ele; Smolett, o empreiteiro, é persuadido a fazer com que o resgate do homem dure dias, e Dr. Hilton, o médico, que compactua com o teatro todo afirmando que Minosa tinha uma saúde ótima e que suportaria tempo o suficiente para que Tatum alcançasse seus objetivos.

Outra questão importante para se notar no filme é que o público caiu facilmente na história de Tatum. Isso comprova que a grande maioria dos leitores e telespectadores preferem a desgraça, a catástrofe e dão audiência para isso. A população consumiu a ideia de Tatum sem questionar e sem o interesse de comprovar a veracidade dos fatos.

Em pouco tempo, os arredores da montanha se transformaram em um grande carnaval devido ao sensacionalismo criado por Chuck. O repórter ignorou o que seu jornal mais respeitava, a verdade, conceito fundamental no código de ética. Ao menos 70% dos fatos relatados por Chuck não eram verídicos.

A pesquisadora Isabel Travancas (2001) classifica que, durante esses anos nos quais o cinema vem exibindo a figura do jornalista, a personagem tem sido apresentada nas formas de herói e vilão. Ao vilão, cabe à imagem de um profissional sem caráter, que deseja alcançar seus objetivos a qualquer custo, não mede esforços para conseguir um ‘furo’ de reportagem, coloca a carreira na frente de tudo e de todos. O herói, por sua vez, defende a verdade, a democracia, o bem comum e se identifica com os valores do

mondo. Essa classificação se encaixa nos papéis do protagonista Charles Tatum e do dono do jornal Jacob Q. Boot.

Percebe-se que a atitude de Chuck no filme, levando em conta que ele é de 1951, é o retrato do que vivemos no jornalismo de hoje, onde muitos programas adotam o sensacionalismo, a fim de interesses políticos e econômicos ou apenas para manter a audiência no que o público acredita querer ver, transformando a notícia em uma simples mercadoria. De acordo com pesquisas, *A Montanha dos Sete Abutres* não foi tão apreciada na época em que foi lançado, mas nos anos 2000, a crítica especializada passou a vê-lo com bons olhos por abordar um problema que vem se alastrando bastante ao passar dos anos: o descumprimento dos principais valores éticos jornalísticos.

### **Considerações Finais**

*A Montanha dos Sete Abutres* nos faz refletir em vários aspectos. Como a que ponto um profissional pode chegar para conseguir prestígio e dinheiro. “Profissional” porque apesar do foco da história ser o jornalismo, o xerife, o arquiteto e a esposa de Leo também foram corrompidos pela ambição. Todos se aproveitaram do fato para conseguir o que queriam. Até o colega de Tatum se deixou levar pelo falso prestígio que estava ganhando ao lado dele.

Toda linguagem carrega em si uma ideologia. Essa característica intrínseca dos meios de comunicação reside no fato de que ao comunicar algo o ser humano tende à parcialidade, sendo, dessa forma, impossível apenas informar. Por ser uma criação humana e uma ferramenta de expressão, o Cinema carrega em sua linguagem o discurso de seus produtores, produzido de acordo com os interesses por eles almejados.

Como elementos de uma linguagem, os filmes produzidos pela indústria cinematográfica são, invariavelmente, a representação de um ponto de vista. O Cinema é, então, uma forma de expressão e representação de uma realidade ideológica vivida por determinado grupo social. Conclui-se então que, através da produção analisada, que o cinema constrói estereótipos diferentes de jornalista. Neste objeto que foi analisado, o profissional é apresentado como um indivíduo desprovido de questões éticas cujo único desígnio é alcançar o sucesso, independente da maneira como vai proceder para conquistá-lo. O jornalista apresentado faz tudo por uma versão diferenciada das notícias, custe o que custar. Apresenta um profissional que faz da notícia uma

mercadoria para se promover à custa dos outros. Podemos chegar à conclusão de que ninguém ali se respeitou ou respeitou ao próximo, e que as atitudes de todos não se encaixariam em qualquer princípio ético de qualquer profissão, e que a vida humana nada importava perto dos interesses pessoais de cada um. O jornalismo sensacionalista é o foco de muitas empresas hoje em dia. Por isso *A Montanha dos Sete Abutres* é tão atual, mesmo sendo da década de 50. Os jornalistas manipulam os fatos, reinventam a notícia para que fique mais atraente.

## Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERGER, Christa (Org.). **O Jornalismo no Cinema**: filmografia e comentários. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002a.

BERNADET Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo : Brasiliense. 1977.

MACHADO, ARLINDO. **Pré-cinema & Pós-cinemas**. Campinas, SP : Papiurus, 1997.  
(Coleção Campo Imagético)

FENAJ. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Brasília: Federação Nacional dos Jornalistas, 2008.

FERREIRA, Ricardo Alexino. **Do discurso frankfurtiano ao do newsmaking**: a construção simbólica do jornalismo no cinema. In: GOULART, Jefferson O. (org.). *Mídia e democracia*. São Paulo: Annablume, 2006, pp.139-148.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

JUNIOR. Luiz Costa Pereira. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

KARAM, Francisco José. **Jornalismo, Ética e Liberdade**. São Paulo: 1997.

---

MORESI, Eduardo. **Metodologia da Pesquisa**. PRPG Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação da UCB, Brasília, 2003.

PEREIRA, Reinaldo Maximiano. O trabalho jornalístico como elemento de composição ficcional no cinema americano. In: **XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM**. Belo Horizonte, 2003.

SÁ, Antônio Lopes de. **Ética Profissional**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

SANTOS, Macelle Khouri. **Um olhar sobre o jornalismo**: Análise da representação do jornalismo no cinema hollywoodiano, de 1930 a 2000. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, Florianópolis, 2009.

SENRA, Stella. **Cinema e Jornalismo**. In: XAVIER, Ismail. O Cinema no Século. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.87-105.

TRAVANCAS, Isabel. Jornalista como personagem de cinema. In: **XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM**. Campo Grande, 2002.

WILDER, Billy. **Ace In The Role**. [Filme-vídeo]. Produção de Billy Wilder. Direção de Billy Wilder. EUA. 1951. DVD. 111 minutos. Preto e Branco. Disponível em:<  
<https://www.youtube.com/watch?v=FnnAmFYqcFY>>



## **Anexo B – Ficha técnica do filme**

### **Montanha dos Sete Abutres**

Título Original: Ace in the Hole

Direção: Billy Wilder

Roteiro: Billy Wilder, Walter Newman, Lesser Samuels

Gênero: Drama

Origem: Estados Unidos

Duração: 111 minutos

Tipo: Longa-metragem

Cor: Preto e Branco

Produção: Billy Wilder

Fotografia: Charles Lang

Montagem: Arthur P. Schmidt

Direção de arte: A. Earl Hedrick e Hal

Pereira

Trilha sonora: Hugo Friedhofer

### **Elenco**

Kirk Douglas - *Charles “Chuck” Tatum*

Jan Sterling - *Lorraine Minosa*

Robert Arthur - *Herbie Cook*

Porter Hall - *Jacob Q. Boot*

Frank Cady - *Sr. Federber*

Richard Benedict - *Leo Minosa*

Ray Teal - *xerife*

Lewis Martin - *McCardle*

John Berkes - *Sr. Minosa*

Frances Dominguez – *Sra. Minosa*